

## Caderno de pauta simples

*Já vejo claro o que vai ser o novo romance. A saga dum família gaúcha e de sua cidade através de muitos anos, começando o mais remotamente possível no tempo. Talvez no Presídio do Rio Grande, no ano de sua fundação, com um soldado ou um oficial do Regimento de Dragões. Não! Tenho uma ideia melhor. Vejo o quadro.*

*1745. No topo dum coxilha, uma índia grávida, perdida no imenso deserto verde do Continente. O filho que traz no ventre é dum aventureiro paulista que a preou, emprenhou e abandonou.*

*A criança nasce na redução jesuítica de São Miguel, onde a bugra busca refúgio. A mãe morre durante o parto, esvaída em sangue. A fonte... Porque esse bastardo, um menino, virá a ser um dos troncos da família que vai ocupar o primeiro plano do romance, e que bem poderá ser (ou parece-se com) o clã dos Terras Cambarás.*

*Quero traçar um ciclo que comece nesse mestiço e venha a encerrar-se duzentos anos mais tarde.*

/

*Quando a velha Maria Valéria anda pela casa nas suas rondas noturnas, com uma vela na mão, vejo nela um farol. Estou certo de que a luz dessa me poderá alumiar alguns dos caminhos que ficaram para trás no tempo. Vaqueana dos campos e veredas do passado desta família, a Dinda talvez seja a única pessoa capaz de me fornecer o mapa dessa terra para mim incógnita. Ela própria é uma arca atulhada dum tesouro de vivências e memórias. Mas arca fechada e enterrada. Resigno-me portanto à ideia de, à custa de estratégias verbais, ir arrancando suas moedas, uma por uma. D. Maria Valéria nunca foi mulher de muitas palavras. Para ela o passado é uma sepultura: remexer nele seria sacrilégio. Devemos deixar os mortos em paz, para que eles façam o mesmo conosco.*

*Nestes últimos dias, temos mantido alguns diálogos: ela balançando-se na sua cadeira, os braços cruzados, os olhos fitos nos*

*seus misteriosos horizontes de cega; eu sentado a seu lado, medindo as palavras com cautela, para que a velha não desconfie de minha curiosidade.*

*Depois de muitas negaças e silêncios, consigo tirar da arca uma que outra onça de ouro, que fico a revirar entre os dedos, fascinado, pensando já no que posso fazer com ela, mas tratando de não deixar meu alvoroço transparecer na voz. Às vezes o mais que consigo é uma moeda de cobre azinhavrado. Mas isso também me alegra, pois estou convencido de que, para o tipo de história que vou escrever, o cobre talvez seja um metal mais nobre que o ouro.*

/

*Tenho tentado, com algum sucesso, que a Dinda me conte causos de sua tia Bibiana, minha trisavó, e de seu marido, um certo cap. Rodrigo, aventureiro, espadachim e mulherengo, homem de coragem extraordinária e apetites insaciáveis, desses que bebem a vida não aos copos, mas aos baldes. A Dinda não o conheceu pessoalmente (o capitão foi morto no princípio da Guerra dos Farrapos), mas noto que ainda estão nítidos em sua memória os ditos e proezas do Falecido, que d. Bibiana costumava contar à sobrinha nas noites de ventania.*

*— Por que de ventania? — pergunto.*

*— Porque tia Bibiana sempre dizia que era nas noites de vento que ela mais pensava nos seus mortos.*

*Procuro saber de outros antepassados mais longínquos, como essa quase lendária Ana Terra, minha pentavó, que a tradição aponta como um dos fundadores de Santa Fé. Desde menino ouço falar nessa brava pioneira que “matou um índio com um tiro nos bofes”.*

*Depois de muitas hesitações e resmungos, a Dinda me confia a chave do baú de lata em que traz guardadas suas lembranças e relíquias. Encontro nele, de mistura com incontáveis bugigangas (camafeus, medalhões com mechas de cabelo, frascos de perfume vazios, lencinhos de renda, leques), importantes peças do museu da*

*família, como o dólmã militar do cap. Rodrigo, um xale que pertenceu a d. Bibiana e uma camisa de homem, de pano grosseiro e encardido. (É a que meu bisavô Bolívar Cambará vestia no dia em que foi assassinado pelos capangas dos Amarais, e que sua mãe guardou, assim esburacada de balas e manchada de sangue como estava.) Todas essas coisas naturalmente me excitam a fantasia pelas suas possibilidades novelescas, mas concentro a atenção principalmente nas cartas, nos recortes de jornais e nos daguerreótipos que descobro dentro duma caixa de sândalo, no fundo do baú. Dinda permitiu, com certa relutância, que eu trouxesse todas essas coisas para a mansarda. Aqui estou a ler as cartas e as notícias de jornal, e a escutar os retratos.*

/

*Entro num nevoeiro em busca duma figura enigmática de quem não encontro nenhum retrato no Sobrado nem no velho baú. Trata-se da minha bisavó Luzia, mãe do velho Licurgo. Sinto um silêncio terrível em torno de sua pessoa. Digo terrível porque tudo indica que é deliberado, produto duma conspiração talvez tácita do resto da família,*

*Falo nela à Dinda, que se mantém num silêncio de pedra, mas de pedra antiga, o que torna o silêncio ainda mais sepulcral.*

*Alguns recortes de jornais fazem referência a essa estranha criatura, que parece ter sido de uma beleza invulgar. Encontro nas páginas dum almanaque local um poema assinado por Luzia Cambará, versos mórbidos de quem deve ter lido com paixão Noites na taverna. Mas a descoberta mais importante que fiz nestes últimos dias foi a das cartas dum certo dr. Carl Winter, natural da Alemanha, que veio para Santa Fé em meados do século passado e aqui se radicou, tornando-se frequentador do Sobrado e médico da família. Seu português, duma fluência admirável, tem acentuado sabor literário. Nessas cartas, dirigidas a Luzia Cambará — a quem ele se refere mais de uma vez como “a minha Musa da Tragédia” —,*

*encontro elementos que talvez me permitam reconstruir a personalidade dessa dama que cultivava a música e a poesia e que, pelo que dá a entender o nosso doutor, foi educada na corte e vivia nestes cafundós do Rio Grande como um peixe fora d'água.*

*Fico até tarde da noite a ler esses papéis. Levo para a cama um cansaço cerebral que me tira o sono. Minha imaginação começa a pintar os mais variados retratos de Luzia Cambará. Coisa estranha, uma bisavó de trinta anos!*

/

*17 de dezembro. Duas e vinte da madrugada.*

*Esta noite Bandeira e eu mantivemos um longo diálogo para mim muito interessante. Vou tentar reconstituí-lo agora tão fielmente quanto possível, antes que seus ecos se percam nos labirintos da memória.*

*Como o Camerino tivesse proibido o Velho de receber visitas, obrigando-o a dormir cedo, Tio Bicho e eu deixamos o quarto do doente pouco antes das nove e saímos a caminhar rua do Comércio em fora, no nosso passinho de procissão. Ficamos sentados durante uma boa meia hora num café e depois, tangidos por afetuoso hábito, viemos para baixo da figueira grande da praça e ali nos quedamos até as primeiras horas da madrugada.*

*A noite estava terna e tépida como um pão recém-saído do forno, e a lua me evocava antigos dezembros.*

*Falei ao Bandeira dos meus planos para o novo livro. Ele me escutou no seu silêncio ofegante e depois observou:*

*— Acho que esse romance, apesar de todos os elementos de pura ficção que fatalmente terá, vai dar ao leitor a impressão de ser apenas um álbum de família, uma transcrição literal da crônica dos Terras e dos Cambarás, caso em que por motivos óbvios não o poderá publicar, mesmo que mudes os nomes dos personagens e dos lugares.*

*— Já pensei em tudo isso e estou resignado a deixar os originais do livro indefinidamente no fundo duma gaveta.*

— Já avaliaste os perigos que, do ponto de vista artístico e literário, uma história dessa amplitude envolve? Pintar um mural num paredão de tempo assim tão extenso, palavra, me parece uma tarefa não só difícil como também ingrata. Pensa na vasta comparsaria... Terás de usar hora a pistola automática, ora o pincel do miniaturista. Duvido que o efeito de conjunto seja satisfatório. Outra dificuldade danada vai ser a da seleção das personagens e dos episódios, principalmente dos históricos. Enquanto se tratar do passado remoto, tanto do Rio Grande como da tua família, tudo estará bem. A bruma do tempo, a escassez de informações, a qualidade épica daquele período da nossa história... as bandeiras, as arraiadas, as guerras de fronteira, a vida rude e simples... tudo isso te ajudará. Ao percorreres os campos e almas do Continente, serás guiado pelo radar da tua imaginação, da tua intuição poética. Mas à medida que fores te aproximando dos tempos modernos, ficarás confundido e desorientado pela abundância de material, pela riqueza de sugestões e informações (livros, jornais, revistas, depoimentos pessoais) e também pelo fato de passares a ser, tu mesmo, uma testemunha da história.

— Já pensei em todas essas dificuldades... e em muitas outras...

— Outra coisa. Terás de enfrentar um dilema dos diabos. Se omitires este ou aquele fato histórico (principalmente os que são objeto de controvérsia), ou se fizeres vista grossa ao lado negativo de certos figurões da política (especialmente os que estão ainda vivos e os que morreram recentemente), dirão que não tiveste nervos para enfrentar a situação, temendo possíveis sanções de grupos partidários ou familiares ou mesmo da própria “vítima”. Mas se, por outro lado, para provar que és independente, decidires contar tudo ou quase tudo, acabarás apenas produzindo uma arte menor, sem teres conseguido fazer história de verdade. Já pensaste que, faças o que fizeres, teu livro está condenado?

— Já. Mas preciso escrevê-lo.

— *Descobrirás depois que precisas também publicá-lo. É por isso que no teu inconsciente já se fazem secretas negociações em torno de sutis compromissos e transigências que te permitam escrever esse romance de tal forma que a publicação não venha a arranhar as faces respeitáveis da ética e do civismo.*

— *Desde quando tens o poder de ver o que se passa no meu inconsciente, homem?*

— *Desde nunca. Mas... por falar nisso, de que ângulo pretendes contar a história?*

— *A primeira pessoa me limitaria demais o campo de visão. Usarei a terceira. Como narrador espero colocar-me num ângulo impessoal e imparcial.*

— *Impossível! Tua parcialidade mais cedo ou mais tarde se revelará até mesmo na maneira de apresentar uma personagem ou um episódio. Tuas idiosincrasias, gostos, birras, implicâncias, simpatias e antipatias acabarão por vir à tona, dum modo ou de outro. Verás que vais gostar mais desta figura humana que daquela, e terás mais paciência com A do que com B. E que tua indiferença com C e D fará que estas duas personagens não passem de vagos vultos cinzentos. Outra coisa. Aposto como seguirás nesse romance a tua velha linha.*

— *Qual?*

— *A parcialidade para com as mulheres. Tuas personagens do sexo feminino (se não me falha o olho crítico nem a memória) sempre têm maior caráter que as do sexo masculino. Para resumir o assunto, teus romances são escritos (não te ofendas) dum ponto de vista quase feminino.*

— *Obrigado pelo quase.*

— *É por isso que duvido que possas pôr de pé com vida e com uma verdade... digamos, hormonal, tipos tão acentuadamente machos como esse tal capitão Rodrigo e o teu tio Toríbio.*

— *Voltemos ao assunto “imparcialidade”, que me interessa de maneira especial...*

— Nem mesmo o Deus barbudo dos judeus e dos cristãos é imparcial na apreciação deste mundinho que Ele fez (dizem) em seis dias. O Padre Eterno julga os homens de acordo com Suas leis e mandamentos. Como é que tu, mísero mortal, podes aspirar à imparcialidade? Acho que deves ser apaixonadamente parcial. Será melhor para o romance. E para ti mesmo.

— Ando às voltas também com um problema de técnica. Não sei se devo começar a história do princípio, isto é, de 1745, e depois seguir rigorosamente a ordem cronológica... É curioso como esse mistério do tempo sempre me visita quando estou por começar uma narrativa.

— Já pensaste que o Tempo pode bem ser um dos muitos disfarces de Deus? Vou mais longe. Talvez o Tempo seja Deus. Podes usar esse pensamento onde e quando quiseres. É um presente de Natal que o Tio Bicho te oferece... Mas, voltando à vaca fria, que no caso é o teu romance... já começaste a escrevê-lo?

— A vaca está mais quente do que imaginas. Ainda não comecei a botar o preto no branco, mas sei que já adoeci do romance. Conheço bem a síndrome. É uma espécie de febre ondulante. Languidez de membros com uma espécie de excitação cerebral. Sim, e uma esquisita hipersensibilidade epidérmica. Durmo pouco. Sonho muito... e que sonhos! Como sem interesse. Presto uma atenção vaga no que as outras pessoas fazem e dizem ao meu redor. Em suma, ausento-me aos poucos do mundo e passo a viver numa ilha mágica, completamente fora da nossa geografia cotidiana...

— Num providencial desterro que te livra dos problemas e angústias do mundo real, não?

— Não é bem isso. O que faço talvez seja transferir para esse feudo do espírito segmentos do mundo chamado real para projetar neles criaturas da minha imaginação.

— E nessa ilha em que és rei, como Sancho Pança na Baratária, te sentes senhor absoluto de teus personagens e de seus destinos...

— Puro engano. Às vezes essas criaturas se rebelam contra o criador, escapam das mãos dele e passam a viver vida própria, completamente independentes de seu arbítrio. Aprendi que esse realmente é o melhor sinal de que realmente estão vivas.

Tio Bicho me olhou de soslaio, sorriu com malícia e disse:

— É engraçado, mas esse processo de gestação literária, no caso de vocês os ficcionistas, parece-se muito com o da gravidez... Vê bem. A personagem (ou o livro) cresce na tua mente como um bebê no ventre materno. Como uma gestante, estás sujeito a momentos de alegria, esperança e plenitude alternados com náuseas, apreensões e crises de nervos. Um dia a criança nasce, depois cresce e já não te pertence mais: passa a ser um pouco dos outros e muito de si mesma. Agora eu só queria saber como é que os contadores de histórias ficam grávidos... Alguns devem ser fecundados pelo pólen da inspiração trazido pelo vento, pelos insetos e pelos passarinhos...

Ao dizer isto o Tio Bicho deu à voz um tom aflautado.

— Essas eternas virgens de hímen complacente produzem livros delicados, coloridos e perfumados como flores. Mas os outros, os que ficaram grávidos duma cópula completa, gostosa e sem inibições com o mundo, isto é, num verdadeiro ato de amor, esses dão à luz filhos sanguíneos, fortes e belos. Não perguntei quem é o pai da tua criança... Sou um homem discreto. Mas... falando sério, será que depois desse parto, que imagino difícil e doloroso, vais te resignar a esconder o bebê no fundo duma gaveta?

Como única resposta, encolhi os ombros. E na pausa que se seguiu, fiquei atento às vozes e evocações da noite. Um galo cantou ao longe num terreiro que me pareceu mais do tempo que do espaço. Os grilos continuavam seu monocórdio concerto de vidro.

O Sobrado estava de janelas apagadas. O luar parecia escorrer do telhado, como mercúrio.

— Se meu pai ainda não dormiu —pensei em voz alta — é possível que esta noite morna e perfumada esteja despertando nele uma certa saudadezinha do Rio...

Depois duma breve pausa, Tio Bicho falou:



— É mais provável que ele esteja pensando na amante. Já imaginaste a angústia do Velho? Preso naquele quarto, sabendo que a rapariga está na cidade, a poucas quadras de distância, e ele sem poder agarrar e nem mesmo ver a bichinha...

— Se imaginei? Mais que isso: senti. Sabes como me identifico com meu pai...

— Te identificas tanto que às vezes te sentes culpado pelas coisas que ele faz. E o culpado pelas que fizeste ou deixaste de fazer. Não esqueço o que me disseste ontem, depois do serão, aqui debaixo desta mesma árvore. “O velho Rodrigo atravessou a era getuliana de sexo em riste.”

— Ah! Mas esta foi uma frase caricatural, evidentemente uma brincadeira...

— Não creio. Já notei que esta é a tua maneira de interpretar as atividades de teu pai no Rio. Não te lembras nunca de creditar na conta dele as boas e belas coisas que ele fez. E as outras que, se não foram belas nem boas, nada tinham de sexuais.

— Exageras. Não sou assim estúpido como imaginas.

— Na apreciação do caráter e da vida do doutor Rodrigo Terra Cambará, tu te portas com a estupidez dos apaixonados. Jamais poderás compreender o homem que ele é (digo o homem integral) se não te livrares desse puritanismo, herdado ou adquirido, que te leva a ver o ato extraconjugal como algo de pecaminoso, reprovável e socialmente nocivo. E o que mais te perturba, irrita e confunde é que, sendo tão sensual quanto o Velho, não tens a coragem de, como ele, dizer sempre sim aos teus desejos.

Estive a ponto de gritar: “Para com sermão! Já discutimos essas coisas um milhão de vezes”. Mas não disse nada. Limitei-me a apanhar um seixo e a atirá-lo contra um arbusto. Tio Bicho percebeu o que se passava comigo e pôs-se a rir baixinho.

— Um homem é dono de seu sexo — disse — e tem o direito de usá-lo a seu bel-prazer. Será lícito censurarmos alguém por usar o nariz para respirar ou a boca para comer? Já te passou pela cabeça a ideia de que a atividade sexual de teu pai bem pode ser algo mais que

*esse brasileiríssimo priapismo de mico, produto duma comichão incoercível? Às vezes chego a pensar que o doutor Rodrigo, como D. H. Lawrence, chegou muito cedo na vida à percepção (consciente ou inconsciente, não sei) de que o sexo é uma das mais profundas formas de conhecimento?*

*Dessa vez quem riu fui eu. Bandeira continuou.*

*— Toma um homem como o nosso doutor Rodrigo, um gourmet e um gourmand da vida, coloca-o com todos os apetites e audácias dentro daquele ambiente e daquela hora que o doutor Terêncio costuma descrever com tanto fervor apocalíptico, e verificarás que ele não podia deixar de sentir o que sentiu, dizer o que disse e fazer o que fez. Contenta-te com a evidência e não tentes explicar o que talvez seja inexplicável. Resigna-te às contradições e imperfeições do bicho-homem, que são até certo ponto o resultado da luta desigual entre sua poderosa natureza animal e os preconceitos duma educação cristã que nos quer impor uma moral feita mais para os anjos que para s homens. Vives aí nessa lamúria de menino só porque teu papai não correspondeu à imagem ideal que tinhas dele, pela qual ele não é responsável...*

*— Nesse ponto não te enganas. O Velho tudo fez para encorajar nos outros essa idealização de sua pessoa. Nos outros e possivelmente em si mesmo.*

*— Não o recrimines por isso. Todos nós, em maior ou menor grau, somos uns farsantes, um dissimuladores. Procuramos mostrar ao mundo as nossas mais belas máscaras, em vez de da nossa face natural. Às vezes tentamos até iludir a nós mesmos em solilóquios diante do espelho. Teu pai fez isso. Eu faço. Tu fazes. Todo o mundo faz. É humano. E outra coisa! É bom não esqueceres que o doutor Rodrigo Terra Cambará, antes de ser uma personagem do romancista Floriano Cambará, é uma pessoa viva, um ser que existe independentemente da tua fantasia, das tuas expectativas e das tuas necessidades.*

*Bandeira ergueu-se, acendeu um cigarro, soltou uma baforada e depois me convidou a acompanhá-lo até sua casa. Pusemo-nos a caminho pela Voluntários da Pátria.*

*— E tu... — perguntou ele — como vais entrar no romance?*

*— Serei uma personagem como as outras.*

*— Achas que te podes ver a ti mesmo com objetividade?*

*— Acho, e isso significa que terei de cortar na própria carne.*

*— Veremos então um espetáculo portentoso: o Floriano moralista escrevendo sobre o Floriano imoral ou amoral. Ou vice-versa... Vai ser uma confusão dos demônios. Quero só ver.*

*— Não procurarei inocentar-me. Passei boa parte desses quase doze anos de Rio de Janeiro estendido ociosamente nas areias de Copacabana, discutindo com outros “moços de futuro” como eu assuntos como a poesia de Auden e a música de Hindermith.*

*— Não vejo nisso nada de mau ou de feio...*

*— Para nós as favelas eram apenas cores na paisagem. Seu fedor não chagava às nossas narinas tão afeitas ao perfume da rosa de Gertrude Stein. Sua dor não conseguia sequer tocar nossos nervos tão sensíveis às dores e angústias das personagens da literatura universal. E eu tinha sempre a meu lado a conveniente bacia de Pilatos para as minhas abluções diárias...*

*— Asseguro-te que Pilatos no fundo era um bom sujeito. E tão céptico, o coitado!*

*— Numa manhã de novembro de 1937, eu estava deitado na areia do Posto 3 com a cabeça pousada no ventre de Miss Marian Patterson. O Estado Novo tinha sido proclamado havia pouco, o país mudara de regime da noite para o dia, e tudo isso se processara sem derramamento de sangue. A americana estava perplexa e queria que eu lhe explicasse o fenômeno.*

*Então eu, de olhos semicerrados, acariciando os ombros da rapariga, murmurei com um sorriso preguiçoso: “É muito simples, darling. O brasileiro é avesso à violência”. E passamos a outros assuntos. No entanto é bem possível que naquela mesma hora os “especialistas” da Polícia estivessem aplicando nas suas vítimas seus*

*requintados métodos de tortura. Tu ouviste falar neles... Arrancavam as unhas dos prisioneiros com alicates... esmagavam-lhes os testículos com martelos... aplicavam-lhes pontapés nos rins... Sim, e metiam buchas de mostarda nas vaginas das mulheres dos prisioneiros políticos, ou então as sodomizavam na frente dos maridos... Nós os moços da praia ouvíamos falar nessas brutalidades da Polícia, mas preferíamos achar que tais rumores não passavam de ficção, produtos de um sinistro folclore em processo de formação... Recusávamos a aceitar essa realidade não poética.*

*— Assim vais mal, meu filho — disse Bandeira. — Se começas a te sentir culpado por todos os desmandos, arbitrariedades e injustiças que se cometem no mundo ou mesmo neste país, terás um fim triste. Já que não és homem de barricada, acabarás fechado num convento, rezando, batendo no peito o mea culpa e fazendo penitência. É preciso encarar a vida com um certo espírito filosófico, rapaz! Tua responsabilidade para com o próximo é limitada, como não podia deixar de ser.*

*— Mas tu mesmo vives proclamando a necessidade de nos tornarmos responsáveis por nós mesmos e por nosso destino!*

*— Ah, meu caro! A responsabilidade que preconizo não é dessas que acabam criando em nós um sentimento de culpa. Nada tem a ver com o catecismo, o Código Civil ou o Exército de Salvação. Não é uma responsabilidade de menino que acaba de tomar a primeira comunhão, mas de adulto que enfrenta tanto a vida como a morte sem ilusões cor-de-rosa.*

*— Precisarei te repetir que meu sentimento de responsabilidade para com todas essas injustiças ou atrocidades pouco ou nada tem a ver com a moral teológica, mas com a moral social? Depois de bater com a cabeça em incontáveis paredes e muros, em busca duma saída para o tipo de liberdade com que sonhava, cheguei à conclusão de que essa liberdade é um mito, e de que o homem deve ser responsável não só por si mesmo como também até certo ponto pelos outros. Não existe ato gratuito.*

— É bom que tenhas dito “até certo ponto”. Porque um sentimento exagerado de responsabilidade para com o próximo bem pode trazer no fundo um grãozinho de messianismo e de paranoia. Cuidado, meu velho. Adolf Hitler julgava-se responsável pela grandeza e pela felicidade da raça germânica...

*Dei uma palmada nas costas de Tio Bicho.*

— Estás infernal hoje, homem!

*Quando paramos à frente de sua casa, na calçada deserta, meu amigo me mirou longamente e depois, com voz quase doce, perguntou:*

— Será que algum de nós sabe mesmo o que está dizendo?

— Sei lá! Vivemos enredados em palavras.

*Roque Bandeira me olhou bem nos olhos — e disse:*

— Acho que hoje me compenetrei demais de mau papel de advogado do diabo e não te ajudei nessa coisa de romance. Só espero que não tenha te desencorajado muito. Acho sinceramente que precisas botar esse filho para fora o quanto antes.

*Ficamos alguns instantes em silêncio.*

— Sabes duma coisa? — disse eu. — descobri um título para ti.

— Qual é?

— Cínico municipal.

— Pois eu tenho outro melhor para ti. Romancista penitente.

*Despedimo-nos e eu voltei lentamente para o Sobrado, ruminando a conversa da noite.*